

Pesar... pensar... diferenciar – a ginga na capoeira como acontecimento

To weigh... to think... to differentiate – the “ginga” on capoeira as event

Pesar... pensar... diferenciar... la “ginga” como acontecimiento

Flávio Soares Alves¹

Carlos José Martins²

Fabio Augusto Pucineli³

Resumo: Esse presente ensaio parte de uma inquietação que remete seus autores para dentro da roda de capoeira, de onde indagam: o que significa pensar corpo e movimento a partir do primado da conectividade? Deste lugar, só localizável em movimento, a experiência da ginga surge como efeito das tensões gravitárias, onde a sensação do “pesar” produz o “pensar”. Para sustentar essa ideia, instala-se um modelo relacional de compreensão do corpo e do movimento, que busca inspiração na filosofia e nos estudos da dança. Observou-se que ao perceber a ginga dentro deste modelo relacional, se instala o primado da conectividade, por meio do qual acessa-se uma capoeira ainda não plenamente objetificada, que escapa às sínteses históricas na medida em que é pensada, na diferença, sob o signo do pe(n)sar.

Palavras-chave: Capoeira; Tensão gravitária; Conectividade.

Abstract: This present essay is based on a concern that takes its authors into the capoeira circle, where they ask: what does it mean to think about body and movement based on the primacy of connectivity? From this way, just located in movement, the experience of “ginga” arises as an effect of gravitation tensions, where the sensation of “to weight” produces “to think”. Supporting this ideia, a relational model of understanding the body and movement is installed, which it seeks inspiration from philosophy and dance studies. It was observed that when perceiving the “ginga” within this relational model, the primacy of connectivity is installed through which a capoeira that has not been fully objectified is accessed, which escapes historical syntheses to the extent that it is thought, in difference, under the “to weight to think” sign.

Keywords: Capoeira; Gravitation tensions; connectivity.

Resumen: El presente ensayo parte de una inquietud que lleva a sus autores al rueda de la capoeira, donde se preguntan: qué significa pensar el cuerpo y el movimiento a partir de la primacia de la conectividad? Desde este lugar, sólo localizado en movimiento, surge la experiencia de la “ginga” como efecto de tensiones gravitacionales, donde la sensación de “pesar” produce el “pensar”. Para sustentar este idea, se instala un modelo relacional de comprensión del cuerpo y el movimiento, que busca inspiración en los estudios de filosofía y danza. Se observó que al percibir la “ginga” dentro de este modelo relacional, se instala la primacia de la conectividad, a través de la cual se acede a una capoeira aún no plenamente objetivada, que escapa a las síntesis históricas en la medida en que se piensa, en la diferencia, bajo el signo del “pe(n)sar”.

Palabras clave: Capoeira; Tensiones gravitacionales; Conectividad.

¹ Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - Unesp, Campus Rio Claro.

² Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - Unesp, Campus Rio Claro.

³ Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - Unesp, Campus Rio Claro.

No olho do furacão – bem além de todo começo possível

Quisera, tal como Foucault, começar esse ensaio “bem além de todo começo possível” (1996, p. 05) talvez assim pudesse mobilizar os desassossegos que aqui acossam, instigando-me à um reencontro com a capoeira.

Sim! Trata-se aqui de um reencontro, já que a capoeira também mobilizou meus interesses de pesquisa na ocasião da elaboração de minha tese de doutorado⁴. E que agora pede aqui passagem para compor com os outros autores os sulcos desta presente escrita.

Assim, como se não houvesse outro começo possível senão pelo meio, coloco-me em meio à roda de capoeira, por onde me vejo atravessado pelas forças que ali transitam e me tocam profundamente: o som do berimbau... o toque do pandeiro... o odor dos corpos, dando a densidade e o clima da roda... o meu corpo... o meu peso... o espaço... e as pessoas que ali estão comigo a capoeirar.

Às voltas com esse universo de sensações, não estou mais, senão na fronteira de mim mesmo... na troca com a alteridade... desnudando um espaço tempo outro, circunscrito pela roda, densificado pelas palmas e pelos olhares marotos daqueles que rodeiam o “jogo de dentro”⁵... o olho do furacão.

E para quem no meio está (sim, porque já não sou mais eu, mas alguém que lá se afirma) já não interessa mais a questão: “O que se passa?”, mas sim: “Que nos passa, nos toca e nos atravessa?” E assim é também com essa escrita, já que, doravante, será tecida no plural.

Localizando-se, portanto, nas tramas da experiência, como diria Larrosa (2002), nossa percepção encontra-se suspensa, por um instante, na sutil inflexão do pronome “nos” (onde já não falo mais sob um ponto de vista autocentrado, mas sim, nos limites da experiência de si). É deste lugar supenso, só localizável na experiência, que ousamos situar a questão central que instiga este presente manuscrito: “O que significa pensar corpo e movimento a partir do primado da conectividade?”

⁴ A referida tese de doutorado foi produzida no programa de pós-graduação da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo – USP, sob a orientação da Profa. Dra. Yara Maria de Carvalho, e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da referida instituição no ano de 2008. Número do protocolo aprovado: 2008 / 43. Uma versão preliminar deste presente manuscrito foi apresentada em sessão de Comunicação Oral no “IX Seminário Conexões Deleuze”, realizado na Unicamp, de 27 a 30 de Maio de 2024.

⁵ De acordo com Alves (2011), o “jogo de dentro” refere-se a um modo de composição do jogo corporal que se estabelece entre dois capoeiristas em meio, à roda de capoeira. Neste jogo transcorre uma espécie de centro de envolvimento, onde os oponentes se enroscam entre si, valendo-se da lógica da movimentação circular. Em meio a circularidade instalada no “jogo de dentro”, os jogadores buscam as brechas e as oportunidades para surpreender o outro, mas não de forma diretiva, pois o ataque vai desenhando uma defesa que, por sua vez, vai traçando um ataque, e assim, num enredar circular infinito, o “jogo de dentro” vai se intensificando progressivamente.

Para começar a responder essa questão, é importante observar que a pergunta pela significação, que aqui se esboça, só faz sentido se tiver uma sustentação quase que puramente corpórea, operada nos domínios do sentir, isto é, nos domínios de uma “sensório-motricidade”, como diria Deleuze (2018, p. 43), que atesta e atualiza, enquanto houver vida, o nosso estar presente no mundo.

Somando-se a essa ideia, Manning (2023) destaca que, aos olhos de uma sensório-motricidade, se instala um modelo relacional de compreensão do corpo e do movimento – que a referida autora vai chamar de “corpo sensório em movimento” – segundo a qual, os sentidos são expressões que sustentam um “corpo processual” e “improvisado – tanto no nível de seus movimentos, quanto de suas significações”. E o que é particularmente interessante neste modelo relacional é que possui uma natureza paradoxal, segundo a qual o corpo não só “se move no espaço e no tempo, como também “cria espaço e tempo” (Manning, 2023, p. 14-15).

Considerando, portanto, esse modelo relacional de compreensão do corpo e do movimento, falar sobre a significação dos corpos “é, antes de mais nada, explorar as maneiras pelas quais eles se movem” (Manning, 2023, p. 15). É na esteira desta ideia, que chamaremos a atenção, neste presente manuscrito para uma capoeira constituída no/atraves do corpo, na multiplicidade que é constitutiva da experiência de movimento. E essa multiplicidade não poderia se mais amplamente evidenciada na capoeira, senão pela materialidade da ginga, onde a capoeira começa como movimento e expressão.

Encontros com a diferença através da ginga

A ginga é o primeiro movimento da capoeira. É a partir dela que a capoeira nasce como expressão de uma subjetividade em movimento (Alves, 2011; 2013). Mas para acessar esse lugar de encontro com a subjetividade, a partir da ginga, é preciso senti-la de fato, e isso vai muito além de uma simples reprodução de gestos previamente sequenciados.

O encontro com a ginga começa com o encontro com o centro de gravidade onde se localiza o nosso centro de forças. É deste centro que a capoeira começa a fluir em nós, como uma escrita essencialmente corporal, que aponta para o espaço da experiência, colocando-nos nos limites de nós mesmos⁶, como condição necessária para que a capoeira possa acontecer no corpo e nas relações (Alves, 2011; 2013).

⁶ Na leitura que Souza opera a partir do referencial foucaultiano, o sujeito fora de si só se constitui em cena e, portanto, está sempre “por fazer” no espaço da experiência (p. 209). Ver: SOUZA, Pedro de. O sujeito fora de si:

Assim, na fronteira de nós mesmos, a prática da ginga ousa nos colocar sempre mediante à diferença e a imprevisibilidade, pois gingar não é senão diferenciar, modificar a nós mesmos. É claro que, às vezes, é sempre bom ter um ponto de partida, isto é, um traço consciente e peculiar que oriente a necessidade de controle e racionalização da experiência. Assim, neste domínio consciente, geralmente pede passagem aquelas orientações didático-pedagógicas que ousam delinear um passo-a-passo para a regularização da ginga.

E assim, mais ou menos, se diz: ginga nada mais é do que uma brincadeira com o peso. Uma brincadeira que se faz sempre no entre, na troca de apoios e na transferência que se dá entre o peso do corpo que ora se apoia sobre a perna direita, e ora sobre perna esquerda.

Na levada desta troca constante dos pontos de apoio, enquanto um lado enche, o outro esvazia, enquanto um lado pesa, o outro libera, faz passar, e desta dinâmica binária, feita de trocas contínuas, vai se constituindo a afirmação de três diferentes pontos: dois à frente, demarcando o espaço de uma frontalidade, e um mais à trás, permitindo as trocas constantes e fluídas entre perna direita e esquerda.

Em termos mais gerais, é mais ou menos essa a lógica que conduz a descrição linear da ginga, pelo menos dentro de seu enquadre regulamentar. Deste ponto, a ginga só é se for diferença, se for outra coisa além daquilo que dela se espera e se possa regular.

Na diferença, a ginga se conecta com a dinâmica de passagem da vida, que é caracterizada marcadamente pela imprevisibilidade. Afinal, não sabemos, exatamente o que há de vir no curso da vida, não é mesmo? E é justamente esse não-saber que desbrava os rumos da vida, apontando-a para sua diferenciação.

Assim também é com a ginga: ela aponta sempre para a diferença (Alves, 2011; 2013). Isso porque a capoeira nasce desta diferenciação que tem na ginga sua versão mais sutil e latente. Quanto mais abertura se dá à diferenciação daquilo que parte da ginga, mais aberto estamos à capoeira em nós e ao alcance que essa prática pode vir a ter na mobilização de nossos modos de ser e de existir.

Do mesmo modo, quando mais nos permitimos gingar, na diferença, mais dispersamos nossa necessidade de controle da experiência da ginga, o que faz com que a expressão da capoeira em nós aponte sempre na contramão da reflexibilidade fechada em si mesma.

Perdendo-se nas tramas diferenciais da ginga, a expressão... o gozo... aparece, dando indícios de que o sujeito que ginga já não está mais fechado em si, mas sim na relação com os outros, com o espaço... a alteridade.

Nas entrelinhas da regularidade – a ginga como acontecimento

É claro que não é raro encontrar situações onde a aprendizagem da ginga parece ir em uma direção totalmente contrária à desta acima descrita. Não são poucos os espaços de promoção da capoeira, onde a ginga é massivamente regulamentada... esquadrinhada nos mais mínimos detalhes procedimentais.

E nestas situações se diz que a ginga é “assim” e “não assado”, o braço é “aqui” e não “acolá”, ou seja, se organiza a delimitação da ginga, na busca por seu controle consciente, mas mesmo aí, nas tramas da consciência, na lógica do esquadrinhamento, a ginga também encontra a diferença, do contrário o capoeirista não ascende à capoeira enquanto acontecimento.

A noção de acontecimento, acima esboçada, é particularmente importante para que possamos avançar nesta discussão, pois introduz uma materialidade discursiva que escapa à ordem referencial daquilo que é possível controlar e esquadrinhar sob os domínios da consciência. De acordo com Foucault, o acontecimento:

não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação [...]; não é um ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material.[...] trata-se de cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis (Foucault, 2008, p. 57-58).

Observe-se no excerto acima que a noção de acontecimento aponta para uma materialidade que consiste nas relações, se esquivando daquela lógica objetual que insiste em enquadrar as coisas como substâncias atomizadas. Assim, ao se produzir como efeito de uma dinâmica relacional, o acontecimento não existe no mesmo plano das coisas, o que impede sua plena objetificação.

Compondo com essa ideia, pode-se dizer que a ginga é também acontecimento, na medida em que escapa ao nível do controle consciente. Há algo inquietante na ginga que atravessa e dispersa os corpos na materialidade das relações nas quais esses corpos estão envolvidos (Alves, 2011; 2013).

Ginga – um pe(n)sar que se inscreve entre o chão e a gravidade

Se analisarmos bem a materialidade das relações em meio as quais a experiência da ginga acontece, encontraremos aí, o que Marie Bardet, autora no livro “Filosofia da dança” irá chamar de “percepção gravitatoria” (2014, p. 214).

Do que se trata essa percepção?

Trata-se do encontro com um domínio de composição da atividade perceptual focado prioritariamente nas relações que o corpo estabelece com a gravidade e, consequentemente, com o chão (Bardet, 2014).

Na esteira desta ideia, Steve Paxton, em seu livro “Gravidade” (2022) irá pontuar que a nossa relação com a gravidade institui nossa primeira paixão, através da qual a vida acontece em última análise. Só somos (seja o que for) porque estamos em uma relação umbilical com a gravidade, sem a qual não existiria a vida! Deste entendimento, que emerge à luz da percepção gravitatoria, ousar dizer que desta relação com a gravidade se institui também nossa paixão pelo chão, espaço imanente em meio ao qual os sulcos da escrita da vida passam, deixando as marcas de um certo modo de ser e de existir.

Para compreender melhor essa ideia que aqui avizinha, fomos buscar inspiração nos estudos acerca da dança de Paul Valéry (1996). Na leitura deste autor, a relação com o chão é essencial para que a dança aconteça, pois é através dele que toda e qualquer projeção é possível. Da mesma maneira é a relação do capoeirista com o chão: é sobre ele que se projeta a dinâmica errante da ginga, o jogo de dentro, em meio ao qual se instituem os traços porvir da percepção gravitatoria, onde a ginga se expressa e, por que não dizer?.... dança!

Pois bem, é justamente essa mesma relação gravitatoria que garante as condições materiais para a composição da prática da ginga: gingamos porque pesamos, isto é, gingamos porque brincamos com o peso, brincamos com a sensação do “pe(n)sar”.

O anagrama, presente no final do parágrafo acima, não está ali à toa. Ele faz alusão a uma aproximação já observada em diferentes áreas de estudo, onde se relaciona a ação do pesar com o exercício do pensar. No que concerne aos estudos da dança Bardet (2014, p. 65) irá destacar que “o peso se coloca como o ponto de interrogação da dança [...] não tanto a definição de um peso, sua gestão em pura oposição por mais leveza, mas arranjos sempre moventes das forças dos corpos em uma situação de peso”. Neste sentido, o problema concernente à questão do peso é que ele instala uma relação movente e cambiante, na qual a única constante é a

gravidade como relação de forças. E é desta mesma relação de forças, sempre movente e cambiante, que se faz também a dinâmica dos pensamentos. Isso porque, pensar é também pesar, já que a dinâmica do peso confere uma presença corporal irreduzível ao pensar, daí a sutil relação entre pesar e pe(n)sar⁷.

Seguindo nesta direção argumentativa, Bardet nos leva ao Zaratrusta, de Nietzsche, ao observar que é ele, o dançarino dionisíaco, quem primeiro nos convoca a dar peso aos pensamentos. Isto porque, Zaratrusta convoca os pés leves contra o diabo, que é o espírito de peso, com isso, ele rompe com a visão maniqueísta e dualista que opõe o corpo pesado (entidade masculina) e o espírito leve (entidade feminina). E para operar essa ruptura, a leveza deve ser entendida como atitude de presença, isto é, como atividade concreta daquele que pensa ao lidar com as variações do pesar (Bardet, 2014, Nietzsche, 2007).

Assim... pensando... isto é, dando peso ao pensar, Zaratrusta embaralha o exercício de composição dos pensamentos, sem necessariamente estratificar, o leve e o pesado, o firme e o sutil. Tais extremos, antes de afirmar dualidades e binaridades opostas, imprimem tonalidades que colorem o exercício do pensamento, a cada novo passo que se institui neste gerenciamento permanente do peso que o corpo precisa operar para, em última análise, dar encaminhamento à vida, principalmente ao que se refere àquela dimensão imanente do viver, tecida no jogo entre o corpo, a gravidade e o chão.

Capoeira no primado da conectividade – para além das distinções nominais

Desta provocação oferecida a nós por Zaratrusta, perguntamos: Não seria a ginga uma experiência de ruptura com aquela visão maniqueísta que insiste em delimitar o que é e o que não é capoeira? Desta questão, outra acossa: Não seria a ginga uma dinâmica que imprime à capoeira infinitas variações ainda por vir, além daquelas já historicamente instituídas?

Com essas questões, interessa-nos encontrar uma capoeira ainda não pensada, que se afirma nos domínios do pesar, onde se desata a trajetória errante da ginga. Mas, para tanto, será

⁷ Vale observar que essa discussão é resultado de um cruzamento de ideias tecidas por Marie Bardet, em sua obra “A Filosofia da Dança” (2014). No que tange à essa aproximação entre as ações do pensar e do pesar, cabe um destaque especial aos estudos de Michel Bernard, célebre filósofo francês da Universidade de Paris 8, que irá considerar o peso como um traço importante na constituição da corporeidade dançante. Neste sentido, se ocupando com o peso, dentre outros traços essencialmente materiais e concretos que se expressam através do corpo que dança, Bernard irá desenvolver sua filosofia, sabendo que essa materialidade da dança (como, por exemplo, a questão concernente ao peso) é moldada pela historicidade de um imaginário que é, ao mesmo tempo social e individual. Ver: BERNARD, Michel. **De la création chorégraphique**. Pantin: Centre National de la Danse, Coll. Recherches, 2001.

preciso garantir um olhar de dentro, implicado, onde, muito mais do que uma capoeira a se conhecer, nos permitimos encontrar uma capoeira a se experimentar, sempre e a cada vez no corpo e nas relações que estabelecemos com a gravidade.

Deste ponto, recuperamos nossa questão de partida, à saber: “O que significa pensar corpo e movimento a partir do primado da conectividade?”

Para começar a responder essa pergunta – sem a pretensão de esgotá-las – diríamos que esse primado da conectividade nos coloca em outro lugar de compreensão acerca do corpo e do movimento, onde a percepção que temos de nós mesmos se encontra sempre em processo e, portanto, sempre inacabada.

Neste sentido, falar sobre o que significa pensar corpo e movimento a partir do primado da conectividade, implica em se ocupar com aqueles processos que se fazem e se refazem fora dos domínios da compreensão racional e objetiva. Para tanto, será preciso deixar de pensar o corpo como substância atomizada, ligada a uma consciência fechada em si mesma, para pensar em termos de relação. É neste sentido, no qual se organiza uma compreensão relacional acerca do corpo e do movimento, que buscamos pensar, neste presente ensaio, acerca da ginga na capoeira.

A experiência com o peso que a prática da ginga proporciona, dá passagem para uma capoeira que se dá no corpo e nas relações gravitárias e que, portanto, vai muito além do plano das formas, onde vigoram os modelos representacionais, já conhecidos e consolidados, acerca da capoeira.

Enquanto estivermos em contato com essa capoeira primordial, que não é senão corpo e relação o tempo todo, somos provocados, enquanto capoeiristas, a permanecer neste plano imanente das percepções gravitárias, onde a capoeira vai se constituindo indefinidamente no traço por vir das dinâmicas tecidas a partir da experiência do pe(n)sar... gingar.

Subjetividade em movimento a partir da experiência da ginga

Aos olhos da percepção gravitária, o cultivo da ginga faz emergir uma subjetividade em movimento, que se faz e se refaz como efeito da tensão gravitária em constante processo de modificação durante o curso por vir da ginga.

Para enxergar a subjetividade deste modo, será preciso, de fato, se movimentar a partir da ginga, isto é, se permitir acessar os domínios da nossa sensório-motricidade, pois só assim

nos permitimos sermos levados pela dinâmica de um pensar que se expressa nos sulcos de um pe(n)sar explícito a partir da experiência da ginga.

Neste sentido, explorando a dinâmica do peso, encontramos condições potentes para mapear os modos através dos quais a capoeira tem constituído historicamente o seu plano de imanência,⁸ no diálogo permanente que cada capoeirista estabelece com a gravidade, com o gerenciamento do seu próprio peso, com o outro e com o chão.

Neste tocante, onde as tensões com a gravidade deixam à mostra uma subjetividade em devir, abrem-se condições interessantes para se acessar os afetos. Na leitura de Manning (2023, p. 25-26) o afeto “é a con-junção de movimento do mundo, é aquilo que me prende primeiro no instante da relação”. Neste sentido, quando estamos às voltas com os afetos, ascendemos ao nível das sensações. Continuando com essa ideia, Manning destaca que a sensação:

é o ponto de co-conversão através do qual as variações da percepção e do pensamento se elaboram. É o ponto singular no qual o que se desdobra também é desdobramento [...] é um acontecimento. Ela [a sensação] cria espaços para a experiência, bem como os vãos, as brechas, os vazios e as perdas. O significado não está assegurado (Manning, 2023, p. 83-85).

Em última análise, a sensação resgata o primado da conectividade, atualizando, sempre e a cada vez, a produção de sentidos. Ao perceber a ginga dentro deste domínio perceptivo, em meio ao qual operam as sensações que decorrem das tensões gravitárias, a prática da capoeira aponta sempre para outros lugares, além daqueles já descritos, já observados e já consolidados. É no bojo deste entendimento que se instala o primado da conectividade, por meio do qual a capoeira escapa às sínteses históricas, na medida em que é sentida, pensada e expressada sob o signo do pesar, na tensão gravitária que se desdobra a partir da sensação da ginga.

Quando nos permitimos tocar a capoeira neste lugar ainda não plenamente objetificado – atravessado por afetos... sensações – o que aparece são os planos de imanência, isto é, as conectividades que esboçam a composição de certos modos, através dos quais, os capoeiristas experienciam suas relações com a gravidade e com os processos sócio-históricos que atravessam e qualificam essa dinâmica de gravitação.

⁸ De acordo com Deleuze e Parnet (1998), o plano de imanência se distingue do plano das formas, que corresponde ao plano de organização da realidade, onde erige o pensamento representativo. Neste sentido, o plano imanente ascende à dimensão movente da realidade que afeta as condições de gênese dos objetos. Convém salientar, no entanto, que o plano das formas e o plano imanente não se opõem, mas constroem entre si recíprocas relações que asseguram múltiplos cruzamentos. Ver: DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. E. A. Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

Enfim, como guisa à conclusão deste ensaio, ousamos dizer que na esteira da conectividade, acessamos uma capoeira que ainda não é... um devir-capoeira em horizonte de deslocamento constante, que justamente por escapar da objetificação, mantém sempre acesa as tramas do desejo... pela dança que se faz e se refaz em meio à roda de capoeira.

Referências

ALVES, Flávio Soares. **O corpo em movimento na capoeira**. 2011. 185f. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ALVES, Flávio Soares. A aprendizagem da capoeira no jogo da imprevisibilidade. **Conexões**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 101-123, 2013. DOI: 10.20396/conex.v11i1.8637633. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637633>. Acesso em: 12 jul. 2025.

BARDET, Marie. **Filosofia da dança**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/abr 2002.

MANNING, Erin. **Políticas do toque: sentidos, movimento e soberania**. São Paulo: GLAC edições, 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

PAXTON, Steve. **Gravidade**. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

VALÉRY, Paul. **A alma e a dança e outros diálogos**. Trad. M. Coelho. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Sobre os autores

Flávio Soares Alves: Professor Assistente Doutor do Departamento de Educação Física da Unesp de Rio Claro, responsável pelas disciplinas de graduação: "Práticas Corporais e Autoconhecimento", "Educação Somática", "Atividades Rítmicas e Expressivas" e "Dança" e "Atenção Plena, Presença e Intervenção". Doutor em Ciências pela Escola de Educação Física e Esporte da USP (2011); Mestre em Artes pela Unicamp - Instituto de Artes (2006); Graduado em Educação Física - Licenciatura Plena - pela Unesp - Rio Claro (2001); Atualmente é pesquisador e co-criador do Grupo "E-LABORE(si) - práticas corporais e tecnologias", liderado pelo prof. Dr. Carlos José Martins (Depto. de Educação Física - Unesp, Campus Rio Claro). Criador do Núcleo Contempl(ação) - centro de estudos contemplativos da UNESP, Campus de Rio Claro. Integrante pesquisador do AGIR - Grupo de Pesquisa em Atividades Gimnicas e Rítmicas, liderado pela Profa. Dra. Daniela Bento-Soares (Depto. Educação Física - Unesp, Campus Rio Claro). Docente do Programa de Pós-Graduação "Desenvolvimento Humano e Tecnologias", do Instituto de Biociências - Unesp, Campus de Rio Claro, responsável pela disciplina

"Atentividade e Tecnologias de Si nas Práticas de Pesquisa". Docente do Programa de Mestrado Profissional Educação Física em Rede Nacional - PROEF (Polo de Rio Claro). Atual Vice-Coordenador do Conselho de Curso de Graduação da Educação Física - Depto. EF-IB-UNESP/RC. Membro da Comissão Municipal de Extensão Universitária do Conselho Municipal de Ciências, Tecnologias e Inovação - Rio Claro/SP. Tem interesse pelos estudos contemplativos no ensino superior e pela pesquisa dos movimentos da invenção, a aprendizagem do/no corpo, o cuidado de si e a arte do viver na capoeira, dança e outras práticas corporais. A partir destes focos de trabalho movimenta suas investigações, tendo como referencial teórico-conceitual e metodológico a filosofia, as artes e as ciências humanas.

E-mail: flavio.alves@unesp.br

Carlos José Martins: Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (Mestrado Acadêmico e Doutorado) Recomendado pela CAPES 2009 / Conceito 5 Área Multidisciplinar Saúde. Professor participante do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP (2010). Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005). Doutorado Sanduíche - Université de Paris XII (Paris-Val-de-Marne)/CETSAH-EHESS (2004). Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (1983). Atualmente é Professor Assistente Doutor Nível II (MS 3 II) no Depto. de Educação Física da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Campus de Rio Claro. Tem experiência nas áreas de Educação Física e Filosofia Contemporânea, com ênfase no campo da filosofia e história das práticas corporais, atuando principalmente nos seguintes temas: corpo, filosofia, história, política, estética e gênero.

E-mail: carlos.j.martins@unesp.br

Fabio Augusto Pucineli: Doutor e Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela Unesp Rio Claro (2025; 2017); Bacharel (2003) e Licenciado (2005) em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor de Educação Física da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, desde 2006. Professor de Educação Física da Secretaria de Esportes, Lazer e Atividades Motoras, Prefeitura Municipal de Piracicaba, desde 2008. Faixa preta 6º dan em Karate (Okinawa Shorin-ryu Karate-do Association. Okinawa - Japão). Acupunturista (Ceata). Doutorado em andamento (Desenvolvimento Humano e Tecnologias - Unesp Rio Claro).

E-mail: fabio.pucineli@unesp.br

Recebido em: 12 fev. 2025

Aprovado em: 11 jul. 2025